

As subdivisões do ícone e os sistemas de classes de signos de C. S. Peirce: uma investigação a respeito do modo de representação das qualidades

Priscila Monteiro Borges

Universidade de Brasília [UNB], Brasília, Brasil. Contato com o autor: primborges@gmail.com.

Resumo: O conceito de ícone se tornou muito conhecido no campo da comunicação, pois ele diz respeito ao modo de representação das qualidades. No entanto, na teoria semiótica peirceana o conceito de ícone apresenta muitas facetas. O objetivo desse artigo é apresentar as subdivisões do ícone dentro do contexto da obra de C. S. Peirce e desenvolvê-los a partir do desenvolvimento da semiótica, mais especificamente, dos sistemas de classes de signos na obra deste mesmo autor. Serão apresentadas propostas para relacionar o conceito de ícone puro e a subdivisão dos hipoícones aos sistemas de 10 e 66 classes de signos.

Palavras-chave: Charles Sanders Peirce. Semiótica. Signos Icônicos. 66 Classes de Signos. Representação.

Abstract: The icon subdivision and C. S. Peirce's systems of sign classes: an inquiry about the representing modes of qualities. The concept of icon has become well known in the communication studies. Icons signify in virtue of qualities of the signs. In C. S. Peirce's theory of signs the concept of icon has many facets. The paper discusses Peirce's subdivisions of the icon and their development in the course of Peirce's writings, especially with respect to the development of his system of sign classes. It relates the concept of the pure icon and Peirce's subdivision of the hypoicons to his system of ten and sixty-six sign classes.

Keywords: Charles Sanders Peirce. Semiotics. Iconic Signs. 66 Sign Classes. Representation.

1. Introdução

O conceito de ícone desenvolvido por C. S. Peirce tem sido bastante utilizado no campo da comunicação, pois ele nos permite analisar aspectos qualitativos das mensagens que nos levam ao primeiro modo de interpretação que é um tipo de impressão sugestiva. Podemos observar esse potencial sugestivo dos signos icônicos em toda e qualquer mensagem, uma vez que todo signo existente possui qualidades e, conseqüentemente, seu primeiro potencial comunicativo está no nível sugestivo.

Na semiótica peirceana o ícone se refere a um tipo de relação que o signo estabelece com o objeto que mostra como o signo representa o objeto. Quando o signo representa o objeto por semelhança de qualidades temos um ícone. A relação entre signo e objeto foi o primeiro aspecto observado por Peirce para classificar os signos. O mais simples sistema de classes de signos proposto por Peirce é justamente esse que considera apenas uma tricotomia, ou um aspecto, que diz respeito à relação entre signo e objeto. Esse sistema é composto de apenas três classes de signos, o ícone, o índice e o símbolo. Ele foi o primeiro sistema de classificação proposto por Peirce em 1885 (EP 1:225¹).

Em 1903, Peirce apresenta um segundo sistema de classificação (EP 2:289-99 [1903]) que considera não só a relação entre signo e objeto, mas, também, o que o signo é em si e qual a sua relação com o interpretante. O aumento no número de aspectos a serem observados nos signos para classificá-los produz um sistema composto por 10 classes de signos. Em 1908, o número de aspectos a serem observados se amplia ainda mais, levando Peirce a sugerir um sistema de classes de signos composto por 28 classes (EP 2:480-1 [1908]), que considera seis tricotomias, e o sistema de 66 classes (EP 2:481-91 [1908]), que leva em conta 10 tricotomias.

As tricotomias mostram modos de análise do signo e elas foram aumentando quando a observação de diferentes aspectos no signo foram gerando novas questões a serem respondidas. A proposta das 10 tricotomias aconteceu em 1908, mas a ideia de que existiam novos aspectos a serem observados, de que era preciso multiplicar as perguntas e aprofundar em alguns pontos a análise do signo já aparece alguns anos antes nos seus manuscritos.

Peirce tinha apresentado apenas os sistemas com três e 10 classes de signos, quando, em 1903, ele distinguiu o ícone puro e o hipoícone (ou ícone atual ou signo icônico) e subdividiu o hipoícone em imagem, diagrama e metáfora (EP 2:273-4 [1903]). Ele também subdividiu o índice em índice genuíno e sub-índice, ou hiposema, e o símbolo em genuíno, singular e abstrato (EP 2:272-88 [1903]). Em outros textos (CP 2.95-6 [1902]²; EP 1:8 [1868]; MS 478 [1903]³),

1 Notação utilizada para se referir à coletânea de textos de Peirce denominada *The Essential Peirce*. Utiliza-se EP seguido do volume e número da página. Entre colchetes a data do texto.

2 Notação utilizada para se referir à coletânea de textos de Peirce denominada *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Utiliza-se CP seguido do volume e número do parágrafo. Entre colchetes a data do texto.

3 Notação utilizada para se referir aos manuscritos de Peirce, *The Charles S. Peirce Papers*. Utiliza-se MS seguido do número da pasta do manuscrito segundo o *Robin Catalog*.

os símbolos também foram subdivididos em termo, proposição e argumento e os argumentos em retrodução (ou abdução), indução e dedução. Algumas dessas subdivisões voltam a aparecer em 1908, na proposta das 66 classes de signos, o que pode indicar que elas são o início do desenvolvimento da teoria semiótica.

Sabendo que o período entre 1903 e 1908 foi muito fértil no desenvolvimento da semiótica de Peirce e considerando que não há uma grande ruptura no pensamento desse filósofo, mas sim uma teoria em desenvolvimento, proponho nesse artigo trabalhar com o conceito de signo icônico, buscando perceber se é possível traçar alguma relação entre os diferentes tipos de ícones apresentados em 1903 e as classes de signos icônicos presentes no sistema de 10 e, principalmente, no sistema de 66 classes de signos sugerido em 1908.

2. Ícone, ícone Puro e Hipoícone

Cinco anos antes de propor as 10 tricotomias e as 66 classes de signos, Peirce escreveu pela única vez⁴, a definição de hipoícone subdividindo-o em imagem, diagrama e metáfora (EP 2:274, CP 2.277 [1903]). Para compreender essa divisão dos hipoícones, é preciso antes entender o que é um ícone. O termo ícone, juntamente com o índice e o símbolo, forma a primeira tricotomia descrita por Peirce que se refere à forma como o signo se relaciona com o objeto e como ela se mantém presente em todas as propostas de divisão de classes de signos.

Uma relação icônica tem características de primeiridade. Por isso, ela é monádica, não-relacional. Consequentemente, “a única relação possível que o ícone pode ter com seu objeto, em virtude de tal propriedade, é aquela de ser idêntico ao seu objeto” (SANTAELLA, 2000, p. 109). Caracterizam as relações icônicas, aquelas nas quais o signo e o seu objeto compartilham a mesma propriedade, isto é, são semelhantes. Peirce define o ícone como:

Um Ícone é um Signo que se refere ao Objeto que ele denota apenas em virtude de seus caracteres, os quais ele mesmo possui, independente da existência do Objeto. É certo que, a menos que tal Objeto realmente exista, o Ícone não atua como signo. Mas isso não tem nada a ver com o seu caráter de signo. Qualquer coisa, seja ela uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida que for semelhante a essa coisa e utilizado como um signo dela. (EP 2:291; CP 2.247 [1903]).

Nesse trecho Peirce distingue claramente dois tipos de ícones: aqueles que atuam como signos, pois têm um objeto existente, denominados ícones atuais, e aqueles que não atuam como signo porque não têm um objeto existente, conhecidos como ícones puros. Apesar deles não atuarem como signos, eles são signos de possibilidade. Antes da existência de qualquer coisa, é preciso que haja a possibilidade dela vir a existir. Essa afirmação baseia-se na lógica das categorias, pois a secundidade, modo de existência, depende da primeiridade, modo da possibilidade. “O ícone puro é apenas uma possibilidade hipotética.” (NÖTH, 1990,

4 Afirmativa baseada em pesquisas minhas nos manuscritos e também presente nos textos de Farias (2002, p. 61) e Jappy (2001).

p. 122) Peirce explica: “Um Ícone, entretanto, é estritamente uma possibilidade envolvendo uma possibilidade e, assim, a possibilidade de ser representado como uma possibilidade é a possibilidade da possibilidade envolvida.” (EP 2:277 [1903])

A distinção de ícone puro e hipoícone surge da diferenciação dos signos em genuíno e degenerado, fruto da noção de categoria degenerada. Peirce apresentou a noção de signo genuíno e degenerado no primeiro capítulo da *Minute Logic*, chamado *Intended charactes of this treatise (logic)* (CP 2:1-118; MS 425 [1902]). Nesse texto, Peirce mostra as categorias como elas são em si mesmas, sem considerar qualquer outra coisa, modo que ele, nesse momento, denomina original e que corresponde à primeiridade, modo mais primitivo e simples das categorias. Em seguida, ele propõe estudar as formas existenciais, isto é, a forma de secundidade das categorias. Ao mostrar como as categorias fenomenológicas são em sua forma de existência, Peirce introduz a noção de categoria genuína e degenerada. A forma existencial da primeiridade é descrita como qualidade; a forma existencial da secundidade é a relação e ela pode ser genuína ou degenerada; finalmente é descrita a forma existencial da terceiridade, a mediação que está sujeita a dois graus de degeneração (CP 2.89-92; PEIRCE 1999, p. 27-9 [1902]).

A mediação genuína é o caráter do signo. Um Signo é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, (...) de modo a fazer com que uma Terceira coisa, seu Interpretante, se relacione com o mesmo Objeto e, do mesmo modo, fazer com que uma Quarta coisa se relacione com o mesmo Objeto, e assim sucessivamente, *ad infinitum* (CP 2.92 [1902]).

Enquanto o signo genuíno pressupõe uma relação triádica completa, entre signo, interpretante e objeto, os signos degenerados ficam reduzidos às relações entre signo e objeto, sem considerarem a relação com o interpretante e, portanto, sem garantia de que informação será comunicada. São signos degenerados em primeiro grau e relativos à secundidade, os índices. São signos degenerados em segundo grau e relativos à primeiridade, os ícones cuja virtude significativa está apenas em sua qualidade. São signos genuínos, os símbolos cuja virtude significativa só pode ser compreendida com a ajuda do interpretante (CP 2.92 [1902]); PEIRCE, 1999, p. 28-9).

O ícone, mais degenerado modo dessa forma de terceiridade existente (signo), caracteriza a mais fraca forma de mediação. Peirce diferenciou o ícone puro do atual tendo em vista a existência ou não do objeto, sendo o ícone puro aquele cujo objeto é uma mera possibilidade, não existente. O ícone puro é a possibilidade de ser representado como possibilidade, a única forma do signo representar tal possibilidade é ele sendo também uma possibilidade. Sobre o ícone puro Peirce escreve: “a possibilidade sozinha é um Ícone puramente em virtude de suas qualidades e seu objeto só pode ser da primeiridade” (EP 2:273; CP 2.276 [1903]). Não há nada que impeça o signo de ser apenas uma possibilidade, mas se ele assim for, passamos a trabalhar com a noção de signo sob seu aspecto original e não mais sob seu aspecto existente.

Esses argumentos nos levam a formular a hipótese de que o ícone puro considera o ícone sob seu aspecto original, não existente, mas possível e que, são signos existenciais, os

ícones atuais, ou hipoícones. Portanto, a descrição do ícone como sendo um signo degenerado em segundo grau refere-se à ideia de hipoícone (ou ícones atuais). “Um ícone puro não pode transmitir informação positiva ou factual, por isso, não há segurança nenhuma de que esse tipo de signo exista na natureza” (CP 4.447 [ca.1903]). Segundo Nöth (1990, p. 122), se existisse, o ícone puro seria um signo não-comunicativo, uma vez que “um ícone puro independe de qualquer propósito” (PEIRCE 1976, v. 4, p. 242 apud NÖTH, 1990, p. 122). O ícone puro significa somente sua capacidade de significar, relacionado a ele está a ideia de qualissigno, que é um signo de possibilidade, não realizado.

Ao distinguir o ícone puro dos ícones atuais, ou hipoícones, Peirce nos mostra uma gradação de signos e indica que muitos daqueles que parecem funcionar por semelhança de qualidades não poderiam, estrito senso, ser chamados de ícones.

A possibilidade sozinha é um Ícone puramente em virtude de suas qualidades e seu objeto só pode ser um Primeiro. Porém um signo pode ser icônico, isto é, pode representar seu objeto principalmente por similaridade, independente do seu modo de ser. Se um substantivo estiver faltando, um Representamen icônico deve ser chamado de hipoícone (EP 2:273 [1903]).

O caráter icônico desses signos é definido pelo critério de similaridade. Pois, ícones são definidos como signos que representam por similaridade de aparência, cujas qualidades são semelhantes às do objeto e causam sensações análogas na mente para a qual ela atua como ícone (CP 2.299 [ca.1895]). A capacidade de representar dos hipoícones pode se apresentar de três modos dependendo do tipo de primeiridade da qual eles participam.

Aqueles que compartilham simples qualidades, ou Primeiras Primeiridades, são imagens; aqueles que representam as relações, principalmente diádicas, ou assim consideradas, das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes, são diagramas; aqueles que representam o caráter representativo de um representamen pela representação de um paralelismo em outra coisa, são metáforas (EP 2:274; CP 2.277 [1903]).

Relações imagéticas são aquelas que se mantêm no nível da aparência. “São as qualidades primeiras – forma, cor, textura, volume, movimento, etc. – que entram em relações de similaridade e comparação, tratando-se, portanto, de similaridades na aparência.” (SANTAELLA, 2000, p. 120) Esse conceito de imagem é muito mais restrito do que o uso corriqueiro da palavra imagem. Nesse caso, elas funcionam como signo apenas por terem certas qualidades semelhantes. Os diagramas, por sua vez, apresentam uma semelhança estrutural. As relações entre as partes do diagrama são semelhantes às relações entre as partes do seu objeto. Ao contrário da imagem, o conceito de diagrama é bem mais amplo do que o seu uso corriqueiro. Ele deve incluir tanto pinturas, cuja relação entre suas partes contribui para a interpretação, quanto notações algébricas que à primeira vista podem não parecer diagramáticas (STJERNFELT, 2011, p. 396). Finalmente, a metáfora, estabelece uma semelhança por meio de um paralelismo com algo externo ao signo e ao objeto.

3. Signos Icônicos e classes de signos

Peirce distinguiu os ícones puros e os tipos de hipoícones no mesmo texto no qual ele desenvolveu as 10 classes de signos (EP 2:273-4; CP 2.276-7 [1903]) e não traçou nenhuma relação entre essas divisões. Entretanto, comentadores de Peirce traçam relações entre essas divisões para tentar esclarecer melhor o que é a subdivisão dos hipoícones.

A relação entre o qualissigno e o ícone puro é quase consensual, mas os hipoícones são comparados tanto aos sinsignos, quanto aos legissignos. Nöth (1990, p. 122) defende que os hipoícones podem ser tanto sinsignos quanto legissignos icônicos.

Dentre as 10 classes de signos descritas por Peirce, apenas três classes apresentam relações icônicas. A primeira é a classe dos qualissignos icônicos; a segunda é a classe dos sinsignos icônicos; por fim, a classe de legissignos icônicos. Os qualissignos formam uma classe potencial que permite a possibilidade de vir a existir uma relação por semelhança. Sabendo que ela não é uma classe atual, pois independe de tempo e espaço, parece bastante razoável a identificação dos qualissignos com a noção de ícone puro.

A proposta de que hipoícones possam ser identificados com sinsignos ou legissignos, também parece bastante clara. A existência de uma relação icônica está relacionada à classe dos sinsignos icônicos, aqueles que têm uma existência atual. A ocorrência de uma qualidade é necessariamente um sinsigno e a qualidade dela naquele exato momento é o que a classe de sinsignos icônicos representa.

Quanto à classe de legissignos icônicos, podemos identificá-la com a existência de uma lei, uma regra que definirá o comportamento do signo e a geração de novos signos. No caso de um legissigno icônico, uma determinada qualidade desse signo será também característica do interpretante, fazendo com que um novo signo, com qualidades semelhantes ao anterior, seja criado. Como o legissigno é uma lei que funciona como signo, o seu modo de significar se dá por meio dos sinsignos que podem funcionar como réplicas de legissignos.

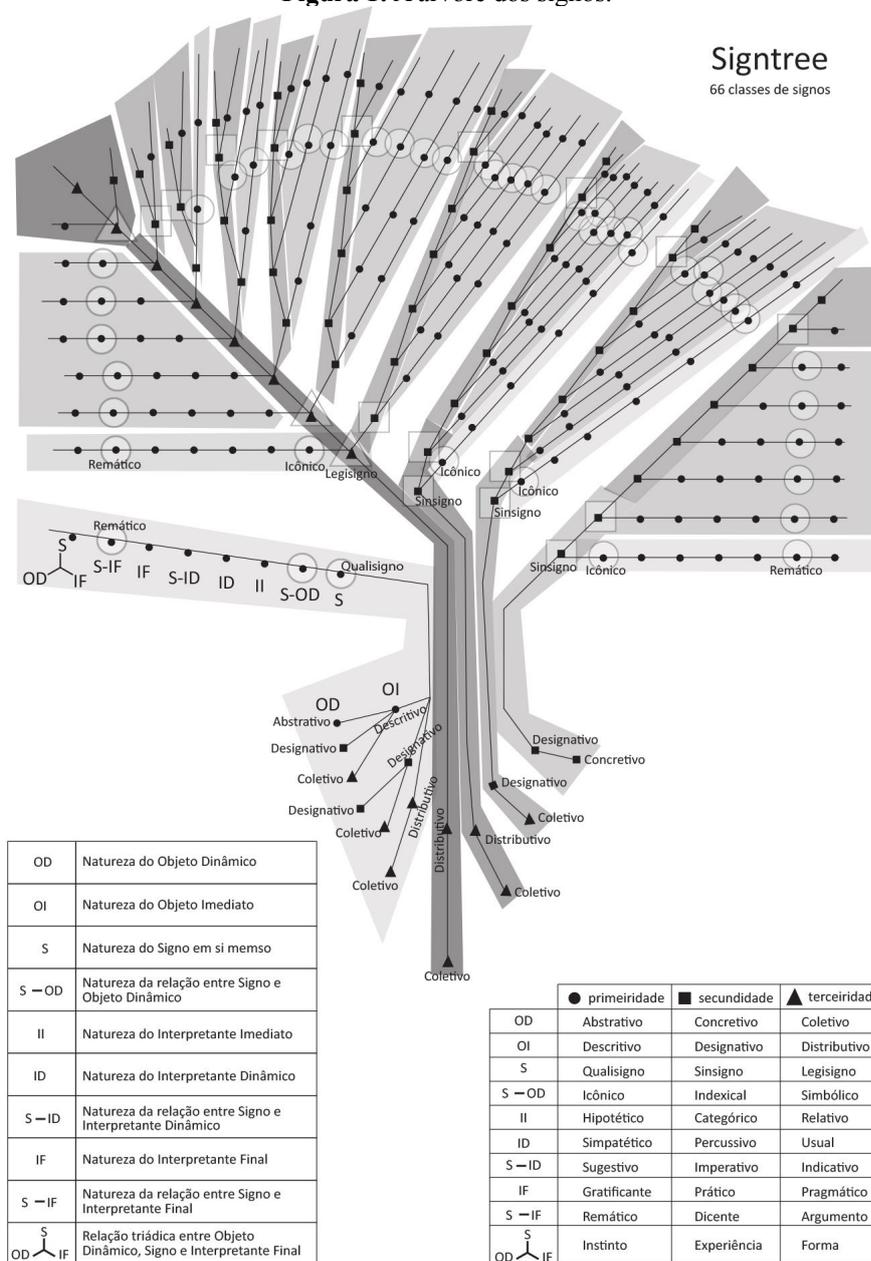
Qualquer signo que é objeto de experiência exerce sua função mediadora. Quando há referência a signos icônicos em análises semióticas, ela diz respeito a sinsignos icônicos, isto é, signos existentes, que podem ser signos particulares ou réplicas de legissignos icônicos. Não se trata de qualissignos icônicos, pois esses são signos de possibilidade. Como são signos existentes, os signos icônicos passíveis de análise são hipoícones e não ícones puros.

Mas como poderíamos relacionar a subdivisão dos hipoícones, imagem, diagrama e metáfora, às classes de signos? O modelo de 10 classes nos dá poucas opções, uma vez que ele possui apenas as três classes de signos icônicos descritas acima. Concordo com Farias e Queiroz (2006) que os hipoícones, considerados como signos atuais, parecem estar relacionados ao sinsigno. Exemplos particulares de imagens, diagramas e metáforas seriam sinsignos icônicos, enquanto esses tipos de hipoícones pensados enquanto classes que agrupam determinados signos se aproximam dos legissignos icônicos. Ficando relacionada à única classe de qualissignos a ideia do ícone puro que é fundamental para a existência do hipoícone, pois para que o signo

icônico entre efetivamente em funcionamento, é necessário que haja a possibilidade dele vir a representar. O ícone puro, portanto, tem uma função lógica no sistema, mas não é um signo com o qual podemos ter experiência.

Se considerarmos o sistema de 66 classes, precisaremos sugerir outras relações, pois esse sistema apresenta um número maior de signos icônicos. Como o sistema de 66 classes de signos não foi detalhadamente descrito por Peirce, será preciso mostrar como entendemos tal sistema antes de traçar as relações. Adotaremos nesse trabalho o modelo visual denominado *Signtree5* que representa o sistema de 66 classes, nele encontramos 10 classes de signos icônicos (ver figura 1).

Figura 1: A árvore dos signos.



Fonte: Sistema de 66 classes de signos conforme modelo Signtree em Borges (2010, 2014, 2015)

5 Sobre o modo de construção desse modelo e suas implicações ver Borges (2010, 2014, 2015).

Podemos observar seis classes de qualissignos no diagrama. Essas classes diferenciam-se em respeito à natureza do objeto dinâmico e do objeto imediato. O objeto dinâmico é o objeto realmente eficiente (EP 2:482 [1908]), aquele que inicia o processo semiótico. Ele é um objeto externo ao signo que determina o signo ao determinar o objeto imediato que é interno ao signo. O objeto imediato, por sua vez, é o “objeto como o signo o representa” (EP 2:482 [1908]). Numa semiose o objeto dinâmico nunca será alcançado, pois ele é externo ao signo e toda a experiência que podemos ter com ele é mediada pelo signo. Tudo que podemos saber dele é dado pelo signo.

Nas 66 classes, o objeto dinâmico pode ser de três modos: abstrativo, concreto ou coletivo (EP 2:477-91 [1908]). O abstrativo é um objeto dinâmico possível. O concreto é uma ocorrência, pode ser uma coisa existente ou um fato atual. O objeto dinâmico coletivo é um hábito ou lei que só pode ser conhecido a partir de um pensamento lógico.

Os objetos imediatos podem ser de três modos: descritivos, designativos e distributivos. O objeto imediato descritivo apresenta as qualidades do objeto dinâmico de um modo descritivo. O designativo é uma ocorrência que ocupa o lugar do objeto dinâmico dirigindo diretamente a atenção para o objeto dinâmico. Já o distributivo expressa uma sequência lógica do objeto dinâmico para si mesmo.

Iniciaremos pela identificação do ícone puro no sistema de 66 classes. Se tomarmos a noção estrita de ícone puro, como a possibilidade do ícone ser representado como possibilidade (EP 2:277 [1903]), no qual o objeto é inexistente, devemos relacioná-lo a primeira classe de signos que apresenta primeiridade em todas as suas tricotomias. Essa classe de qualissigno tem objeto dinâmico abstrativo e objeto imediato descritivo. O objeto dinâmico abstrativo tem a qualidade de ser possível. Já o objeto imediato descritivo é definido como aquele que determina seu objeto por estar na mesma condição de existência das qualidades do objeto (EP 2:484 [1908]). Portanto, o objeto imediato deverá ser algo possível uma vez que ele deve ter a mesma condição do objeto dinâmico que é um possível. O possível signo dessa classe só poderá representar a possibilidade de representar. Ele parece corresponder ao ícone puro.

E o que significam as outras classes de qualissignos? Essas são classes que representam a possibilidade de objetos determinados serem representados. Essas classes não descrevem signos existentes, mas sim a possibilidade de signos futuros representarem certas qualidades dos objetos. O sistema de 66 classes apresenta classes de qualissignos que indicam alguns modos como os signos podem representar certas qualidades dos objetos. A subdivisão dos hipoícones em imagem, diagrama e metáfora mostra justamente modos de representação por semelhança de qualidades. Apesar dos hipoícones terem sido relacionados aos sinsignos, esses modos de representação, ainda no seu nível de possibilidade poderiam ser relacionados às outras cinco classes de qualissignos. Teríamos, então, uma subdivisão dos ícones puros que antecipa no nível da possibilidade, a subdivisão dos hipoícones.

A segunda classe, que apresenta objeto dinâmico concreto e objeto imediato descritivo, apresenta a possibilidade de um signo representar uma ocorrência por meio da descrição de

suas qualidades. Essa segunda classe de qualissignos mostra a possibilidade de um signo ter as mesmas qualidades distintas e individuais do objeto. Como o objeto é uma ocorrência, o signo deve ter as qualidades dessa ocorrência particular. Essa classe de signo parece corresponder à possibilidade do hipoícone imagético na medida em que a semelhança de qualidades se dá por um tipo de compartilhamento de simples qualidades entre os objetos.

Já a terceira classe apresenta objeto dinâmico coletivo e objeto imediato descritivo. Ela mostraria a possibilidade de um signo representar uma coleção por meio da descrição de suas qualidades. A diferença dessa classe para a anterior é apenas a natureza do objeto dinâmico que passa a ser um coletivo. O modo como o signo representa o objeto permanece o mesmo, descritivo. Portanto, continuamos próximos do hipoícone imagético, pois o signo representará, por meio de qualidades simples descritas por seu objeto imediato, leis ou convenções que dizem respeito a um conjunto de objetos que possuem tais qualidades.

A quarta e a quinta classe de qualissignos apresentam objeto imediato designativo. Peirce os define como tendo a capacidade de brutalmente dirigir a atenção do intérprete para o objeto, sem que haja qualquer raciocínio independente (EP 2:484 [1908]). O fato de não envolver pensamento externo, exclui a possibilidade de associarmos qualquer uma dessas duas classes à metáfora, pois nela temos um paralelismo de ideias que necessita envolver pensamento externo ao signo. Mas podemos associá-las às imagens e aos diagramas?

A quarta classe de qualissignos, que apresenta ambos objetos de secundidade, mostra um signo que aponta brutalmente para uma ocorrência concreta, pois o objeto imediato está no lugar do objeto dinâmico. O fato dele estar no lugar do objeto dinâmico, faz com que esse signo estabeleça relações semelhantes com aquelas estabelecidas pelo objeto dinâmico. São justamente essas relações semelhantes que possibilitam ao signo representar o objeto. Imagine, por exemplo, um filme no qual o personagem principal é representado na idade adulta e na infância. Apesar de muitos filmes buscarem dois atores com idades diferentes que possuam semelhanças físicas para atuarem, de modo que eles representem o mesmo personagem por meio de uma relação imagética, isso não seria necessário se os atores (ainda que fisicamente diferentes) estabelecerem relações semelhantes com outros personagens ou com o mesmo ambiente estabelecendo uma relação diagramática. Portanto, não são as simples qualidades do objeto dinâmico que aparecem no signo, mas as relações que o signo estabelece com suas partes (ou com seu contexto) que são semelhantes às relações que o objeto dinâmico estabelece. O signo, então, pode estabelecer uma relação com o objeto concreto de um modo diagramático.

A quinta classe, que apresenta objeto dinâmico coletivo e imediato designativo, representa a possibilidade dos signos designarem coletivos. Assim como a quarta classe de qualissignos, o objeto imediato designativo indica uma relação diagramática como modo do signo representar o objeto. Mas ao invés de representar um objeto concreto, as relações diagramáticas podem designar um objeto coletivo, isto é, leis ou convenções que definem um conjunto de objetos que possuem tais relações.

Por fim, alcançamos a sexta classe de qualissignos, que descreve a possibilidade da

existência de signos cujo objeto imediato é distributivo e o objeto dinâmico é coletivo. O poder de representação dos signos dessa classe é dado por eles expressarem de modo universal uma sequência lógica que conecta o objeto a algo referido em outra circunstância. Associamos a essa classe de signos à possibilidade da metáfora, pois é justamente uma sequência lógica de pensamento que associa dois termos em uma metáfora.

Seguimos observando os sinsignos e legissignos icônicos. Identificamos no modelo *Signtree*, três classes de sinsignos icônicos. Elas representam os hipoícones quando considerados em sua ocorrência atual e particular, conforme propôs Ransdell (1997, p. 38) e Farias e Queiroz (2006, p. 294). As três classes apresentam diferentes objetos. Cada uma delas deve representar a existência atual dos possíveis signos descritos pelos qualissignos correspondentes a cada tipo de objeto. Cabe observar que não há classe de sinsigno que apresente objeto imediato descritivo e os qualissignos que possuíam objeto imediato foram relacionados à possibilidade do hipoícone imagético. Isso não quer dizer que imagens não podem ser signos atuais. Farias e Queiroz (p. 294) observaram bem que

as metáforas (hipoícones mais gerais) dependerão de uma certa coerência diagramática interna para assumirem seu status de ícones de leis instanciados. De modo semelhante, os diagramas dependerão da incorporação de imagens para serem reconhecidos como similares à estrutura de seus objetos. Imagens minimamente complexas, por sua vez, no momento em que elas podem ser analisadas como compostas de elementos mais simples, devem ser compreendidas como diagramas.

As qualidades quando estão incorporadas em signos existentes, não são mais puras qualidades, mas qualidades particulares que ocupam um determinado lugar e que se relacionam com outras qualidades, pois compõem um signo. O fato de não serem mais simples qualidades faz com que elas já sejam um tipo de diagrama, pois não compartilham mais simples qualidades, mas relações entre qualidades. Nesse sentido, não devemos estranhar que a primeira classe de sinsigno icônico apresente objetos da natureza da secundidade, concreto e designativo, que foram relacionados ao diagrama quando observamos o qualissigno concreto designativo.

A noção de imagem como semelhança de qualidade, apesar de não aparecer explicitamente em uma classe de sinsigno, está presente em todas as classes de signos icônicos, pois ela é fundamental. Assim como as classes de qualissigno fundamentam os sinsignos e os legissignos. Nenhum tipo de signo icônico pode representar por semelhança se ele não tiver qualidades que se assemelham a outras qualidades. Além disso, a simples qualidade possível de ser descrita ao se tornar um existente passa a estabelecer relações com o seu contexto, passando a representar não aquilo com o qual ela livremente se assemelha, mas aquilo com o qual naquele contexto ela se assemelha. Em todo signo atual, deve-se levar em consideração a qualidade das relações que esse signo estabelece com outros signos, pois esse será um fator delimitador das associações por semelhança que o signo é capaz de produzir.

A segunda classe de sinsigno icônico apresenta objeto imediato designativo e objeto dinâmico coletivo, sendo relacionada também a um tipo de diagrama, mas nesse caso um

diagrama de um tipo mais geral, pois seu objeto é um coletivo. Já a terceira classe de sinsigno icônico apresenta objeto dinâmico coletivo e objeto imediato distributivo, assemelhando-se mais à ideia da metáfora, pois a possibilidade de um paralelismo depende de certas convenções e hábitos que estão indicados pelos objetos coletivo e distributivo.

Com relação aos legissignos, Peirce os define como signos convencionais, ou regras, e diz que eles significam ao serem aplicados em instâncias, que são as réplicas dos signos. Como toda réplica é um signo atual existente, ela é um sinsigno (EP 2:291 [1903]). Quando os hipoícones são legissignos icônicos eles têm a característica de serem uma força ativa, uma tendência que mantém uma certa identidade formal ou qualitativa em um processo semiótico (RANSDELL, 1997, p. 41). Essa tendência só pode ser percebida por meio das réplicas do legissigno icônico que são sinsignos icônicos. Um conjunto de sinsignos pode mostrar qual é a identidade que tende a se repetir no processo semiótico. Não é relevante para o legissigno icônico qual é essa identidade, mas, sim, o poder ativo de mantê-la na ocorrência de signos atuais, isto é, nos sinsignos icônicos. Esse poder do legissigno icônico não funciona sozinho, ele trabalha junto com os legissignos indiciais e simbólicos. Segundo Ransdell (1997, p. 42), nesse trabalho conjunto para determinar uma tendência de identidade em uma cadeia de signos (semiose), o legissigno indicial assume o papel de manter a mesma referência ou origem do signo pelo caminho da semiose e o legissigno simbólico provê os propósitos ou os aspectos que direcionam o processo. Portanto, os legissignos têm um papel fundamental de consolidar determinados hábitos e convenções que, de certo modo, regulam as associações entre qualidades.

4. Considerações finais

Apesar de ser possível estabelecer algumas relações entre o ícone puro, os hipoícones e as classes de signos, percebe-se que os conceitos de imagem, diagrama e metáfora não correspondem cada um a uma classe de signo nos sistemas de 10 e 66 classes.

O conceito de ícone puro é facilmente relacionado à classe de qualissigno, que diz respeito a qualidades que funcionam como signo. O qualissigno é um signo em potência e o seu poder de representação não depende de sua existência. Apesar de não ser uma classe de signos existentes, os qualissignos são logicamente necessários, uma vez que, antes de existirem, os signos precisam ser possíveis. Por isso, os sistemas de signos começam com essa classe que expressa a possibilidade das qualidades serem signos de si mesmas, funcionando, portanto, por semelhança de qualidades, isto é, de modo icônico.

Já os hipoícones parecem estar relacionados com o sinsigno icônico. O sistema de 10 classes de signos, apresentado no mesmo ano em que os hipoícones, parece estar em acordo com essa ideia de que ícones puros se relacionam com o qualissigno e os hipoícones ao sinsigno icônico. No entanto, o sistema de 66 classes, ao apresentar seis classes de qualissignos e três de sinsignos icônicos, nos leva a pensar que os qualissignos dizem respeito não só ao ícone puro, mas a tipos de ícones que possuem a característica de serem signos possíveis, como o ícone

puro, mas que antecipam os tipos de relações icônicas possíveis, que poderão ser observadas nos sinsignos icônicos. Desse modo, passamos a considerar a imagem, o diagrama e a metáfora no seu modo de possibilidade como qualissignos. Assim como Peirce propôs o ícone puro, poderíamos pensar em imagem pura, diagrama puro e metáfora pura no nível dos qualissignos.

No nível dos sinsignos icônicos, passamos a trabalhar com signos existentes e a análise dos tipos de objetos dinâmico e imediato dos sinsignos icônicos nos levou a relacionar duas classes de sinsignos ao diagrama e uma delas à metáfora. Argumentamos que a imagem não foi relacionada a nenhum sinsigno icônico, pois as qualidades quando incorporadas à signos existentes já passam a ser um tipo simples de diagrama. Evidenciamos que signos existentes possuem diversas qualidades relacionadas entre si e com o contexto do signo ao identificar as duas primeiras classes de sinsignos icônicos ao diagrama e trabalhando com a ideia de que a imagem está presente nas três classes de sinsignos icônicos, dado o encadeamento das classes de signos.

As reflexões apresentadas nesse artigo mostram que não é possível estabelecer uma relação direta entre a subdivisão dos hipoícones e as classes de signos. Além disso, a expansão do sistema de classes de signos complexifica as relações entre qualissignos, sinsignos e legissignos icônicos, deixando evidente o encadeamento de signos e mostrando que as classes de signos não devem ser tratadas como rótulos que determinam o que são os signos, mas como etapas que fazem parte de um processo de significação. Como as classes representam um processo contínuo, os tipos de hipoícones também precisam ser compreendidos como relações icônicas encadeadas e contínuas. Explorar profundamente as relações entre a imagem, o diagrama e a metáfora, buscando perceber esse processo gradativo que passa de um ao outro e que nos permite ver dentro da metáfora um tipo de diagrama e um tipo de imagem parece ser um bom caminho para desenvolver esses conceitos à luz das classes de signos expandidas.

Referências

BORGES, Priscila M. **Mensagens cifradas**: a criação de linguagens diagramáticas. São Paulo, 2010. 290 f. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BORGES, Priscila M. Experience and Cognition in Peirce's Semiotics. **American Journal of Semiotics**, v. 30, p. 1-26, 2014.

BORGES, Priscila M. Compreendendo os sistemas de classes de signos de C. S. Peirce. Uma comparação entre os sistemas de 10 e 66 classes. **Revista Eletrônica CoMtempo**, v. 7, p. 1-16, 2015.

FARIAS, Priscila L. **Sign design, ou o design dos signos**: a construção de diagramas dinâmicos das classes de signos de C.S.Peirce. São Paulo, 2002. 214 f. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FARIAS, Priscila; QUEIROZ, João. Images, diagrams, and metaphors: Hypoicons in the context of Peirce's sixty-six-fold classification of signs. **Semiotica**, Berlin/New York, v. 162, n.1/4, 2006. p. 287-307.

JAPPY, Antony. **Iconicity, hypoiconicity**, 2001. Disponível em: <www.digitalpeirce.org> Acesso em: 22 out. 2009.

NÖTH, Winfried. **Handbook of semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

PEIRCE, Charles S. **The Charles S. Peirce Papers**. Indianapolis, ago. 2008, jul. 2009. University of Massachusetts Press, 1967. (Acesso ao catálogo online: <http://www.iupui.edu/~peirce/robin/robin.htm>).

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers of Charles S. Peirce**. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1931-58.

PEIRCE, Charles S. **The Essential Peirce**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1992-98.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RANSDELL, Joseph. **On Peirce's conception of the iconic sign**, 1997. Disponível em: <www.cspeirce.com/menu/library/aboutcsp/ransdell/iconic.htm> Acesso: 22 out. 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

STJERNFELT, Frederik. **On Operational and optimal iconicity in Peirce's diagrammatology**. **Semiotica**, Berlin/New York, v.186, n.1/4, 2011. p. 395-419.